

Benedito Rodrigues da Silva Neto
(Organizador)



Prevenção e Promoção de Saúde 2

Benedito Rodrigues da Silva Neto
(Organizador)



Prevenção e
Promoção de Saúde 2

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P944	Prevenção e promoção de saúde 2 [recurso eletrônico] / Organizador Benedito Rodrigues da Silva Neto. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Prevenção e promoção de saúde; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-828-1 DOI 10.22533/at.ed.281190912 1. Política de saúde. 2. Saúde pública. I. Silva Neto, Benedito Rodrigues da. II. Série. CDD 362.1
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A coleção “Prevenção e Promoção de Saúde” é uma obra composta de onze volumes que apresenta de forma multidisciplinar artigos e trabalhos desenvolvidos em todo o território nacional estruturados de forma à oferecer ao leitor conhecimentos nos diversos campos da prevenção como educação, epidemiologia e novas tecnologias, assim como no aspecto da promoção à saúde girando em torno da saúde física e mental, das pesquisas básicas e das áreas fundamentais da promoção tais como a medicina, enfermagem dentre outras.

O segundo volume desta coleção tem como direcionamento uma área fundamental que se destaca entre a mais importante quando o assunto é prevenção em saúde e/ou promoção de saúde. A enfermagem, desde o seu surgimento até os dias atuais diante da grande evolução técnico-científica, carrega consigo a responsabilidade de imprimir em seus profissionais todos os aspectos inerentes à prevenção e promoção de saúde.

Portanto apresentaremos neste material um agregado organizado de forma estruturada e lógica produzido por profissionais da enfermagem, ou que se relacionam diretamente às sub-áreas onde esses profissionais estão inseridos. Cada capítulo possui seu aspecto singular e inerente, mas que coopera de forma direta com a obra em seu amplo aspecto.

Assim, a coleção “Prevenção e Promoção de Saúde” apresenta uma teoria bem fundamentada seja nas revisões, estudos de caso ou nos resultados práticos obtidos pelos pesquisadores, técnicos, docentes e discentes que desenvolveram seus trabalhos aqui apresentados. Ressaltamos mais uma vez o quão importante é a divulgação científica para o avanço da educação, e a Atena Editora torna esse processo acessível oferecendo uma plataforma consolidada e confiável para que diversos pesquisadores exponham e divulguem seus resultados.

Benedito Rodrigues da Silva Neto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA CLASSIFICAÇÃO DE RISCO DA URGÊNCIA OBSTÉTRICA	
Ellizama Belem de Sousa Mesquita	
Tatyanne Silva Rodrigues	
Elliady Belem de Sousa Mesquita	
Edson Belem de Sousa Mesquita	
Elanea Brito dos Santos	
Michelly Gomes da Silva	
Marcos Vinicius de Sousa Fonseca	
Larissa Bezerra Maciel Pereira	
Avilnete Belem de Souza Mesquita	
Artur Flamengo dos Santos Oliveira	
Carla Adriana Rodrigues de Sousa Brito	
DOI 10.22533/at.ed.2811909121	
CAPÍTULO 2	12
A ENFERMAGEM NO PROCESSO DE ACREDITAÇÃO HOSPITALAR	
Márcio Soares de Almeida	
Fernanda Cajuhy dos Santos	
Pedro Henrique Costa Silva	
Verônica Oliveira da Silva Heleno	
Mariana Pitanga Carvalhal de Oliveira	
Fernanda Rocha Costa Lima	
Lucille Andrade Paiva Espinheira	
DOI 10.22533/at.ed.2811909122	
CAPÍTULO 3	23
ACOLHIMENTO DO ENFERMEIRO A MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA: REVISÃO INTEGRATIVA	
Luzia Neri dos Reis	
Leonilson Neri dos Reis	
Ernando Silva de Sousa	
Isabel Luísa Rodrigues de Sousa Viana	
Juliana Falcão da Silva	
Jucélia de Brito Lima	
Lindamaria de Oliveira Miranda	
Jailson Pereira de Sousa	
Priscila Geise Gomes	
Erinalva de Araújo Silva	
Brígida Mendes dos Santos	
Cleidiomar da Conceição Sousa Freitas	
Ana Carolina Amorim de Sousa	
Naiane de Sousa Silva	
Sayonnara Ferreira Maia.	
DOI 10.22533/at.ed.2811909123	
CAPÍTULO 4	39
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO	
Jéssica Santos Cândido da Silva	
Claudia Fabiana Lucena Spindola	
Julia Taynan Etelvino de Barros	
Maryane Martins Barros	
Alexsandro Rodrigues de Sena	
Ana Maria Tavares de Melo	

CAPÍTULO 5 43

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA PARADA CARDIORESPIRATÓRIA NO PERÍODO GESTACIONAL:
REVISÃO INTEGRATIVA**

Tatiana Carneiro de Resende
Leonardo dos Santos Moreira
Mônica Bimbatti Nogueira Cesar
Mayla Silva Borges
Richarlisson Borges de Moraes
Kleber Gontijo de Deus
Bárbara Dias Rezende Gontijo

DOI 10.22533/at.ed.2811909125

CAPÍTULO 6 52

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO E NO TRATAMENTO DO PÉ DIABÉTICO

Iolete Araujo da Silva
Márcia Fernanda de Sousa Abreu
Michelle Diana Leal Pinheiro Matos
Francisco Lucas de Lima Fontes
Luan da Silva Moraes
Alexsandra Maria Ferreira de Araújo Bezerra
Anderson de Assis Ferreira
Teresa Raquel de Carvalho Castro Sousa
Eduardo de Lacerda Aguiar
Luanna Sousa de Moraes Lima
Dannyel Rogger Almeida Teixeira
Flaviana Mutran da Silva Barros

DOI 10.22533/at.ed.2811909126

CAPÍTULO 7 60

**ATUAÇÃO DO MÉDICO E ENFERMEIRO NAS ORIENTAÇÕES ALIMENTARES PARA
HIPERTENSOS E DIABÉTICOS**

Mariana Farias Gomes
Rebecca Soares de Andrade Fonseca dos Santos
Annick Fontbonne
Eduarda Ângela Pessoa Cesse

DOI 10.22533/at.ed.2811909127

CAPÍTULO 8 72

CUIDADOS DE ENFERMAGEM A PACIENTE PORTADORA DA SÍNDROME DE SJÖGREN

AdrielleTayany de Souza Pedrosa
Alana Laleska Azevedo Cavalcanti
Amanda Lourena Moraes Arruda
Andreia Lopes Ferreira de Lima
Andreza Cabral da Silva
Bárbara Gabriela Galdino dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.2811909128

CAPÍTULO 9 81

**DOULAS VOLUNTÁRIAS EM UMA MATERNIDADE PÚBLICA: RESGATE E HUMANIZAÇÃO DO
PARTO NATURAL**

Vilma Maria de Santana
Mauricélia Ferreira Mendes

Kelly de Albuquerque Medeiros
Rosália Maria Ribeiro
DOI 10.22533/at.ed.2811909129

CAPÍTULO 10 88

ENFERMAGEM OBSTÉTRICA E O PARTO HUMANIZADO: CONTRIBUIÇÕES PARA VIVÊNCIA DO PROCESSO DE PARTURIÇÃO

Vilma Maria de Santana
Tatiana Ferreira do Nascimento
Rosália Maria Ribeiro
Beatriz Michaelle Cavalcanti dos Santos
Wanessa Marcella Barros Firmino
Mauricélia Ferreira Mendes

DOI 10.22533/at.ed.28119091210

CAPÍTULO 11 99

LESÕES MÚSCULO ESQUELÉTICAS RELACIONADAS AO TRABALHO DA ENFERMAGEM

Francisco das Chagas Araújo Sousa
Kadja Fernanda Tinoco
Lennara de Siqueira Coelho
Alessandra Kelly Freire Bezerra
Bianara Raelly Duarte Ibiapina dos Santos
Francirraimy Sousa Silva
Lorena Rocha Batista Carvalho
Marcelo de Moura Carvalho
Eduardo Vidal de Melo
Emmanuel Alves Soares

DOI 10.22533/at.ed.28119091211

CAPÍTULO 12 114

O ATENDIMENTO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE E O CUIDADO DE HOMENS COM ÚLCERAS VENOSAS

Patrícia Alves dos Santos Silva
Norma Valéria Dantas de Oliveira Souza
Roberto Carlos Lyra da Silva
Déborah Machado dos Santos
Dayse Carvalho do Nascimento
Thays da Silva Gomes Lima

DOI 10.22533/at.ed.28119091212

CAPÍTULO 13 129

OS EFEITOS NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM E MEDICINA AO VIVENCIAREM O GRUPO “PUCALHAÇOS”

Valquíria Neves Perin
Fernanda de Oliveira Barros
Dirce Setsuko Tacahashi

DOI 10.22533/at.ed.28119091213

CAPÍTULO 14 145

PERCEPÇÃO DE ENFERMEIROS QUANTO AO AMBIENTE ESTRUTURAL DE UMA UNIDADE DE SAÚDE DE BELÉM

Hellen de Paula Silva da Rocha

DOI 10.22533/at.ed.28119091214

CAPÍTULO 15	152
PERCEPÇÃO DOS ENFERMEIROS QUANTO AO PROTOCOLO DE HIPOTERMIA TERAPÊUTICA PÓS PARADA CARDIOPULMONAR	
<ul style="list-style-type: none"> Julia Taynan Etelvino de Barros Claudia Fabiana Lucena Spindola Jéssica Santos Cândido da Silva Maryane Martins Barros 	
DOI 10.22533/at.ed.28119091215	
CAPÍTULO 16	164
PROTOCOLO DE CUIDADOS PALIATIVOS EM ENFERMARIA	
<ul style="list-style-type: none"> Juliana Rodrigues Teixeira Madeleine Sales de Alencar Fabiana Vasconcelos do Nascimento Ianna Lacerda Sampaio Braga Tadeu Gonçalves de Lima 	
DOI 10.22533/at.ed.28119091216	
CAPÍTULO 17	197
RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS ATIVIDADES EDUCACIONAIS DE ENFERMAGEM EM UMA CRECHE FILANTRÓPICA DE MANAUS	
<ul style="list-style-type: none"> Roselaine Brum da Silva Soares Arinete Veras Fontes Esteves Elaine de Oliveira Vieira Caneco Itelvina Ribeiro Barreiros Aldenira de Carvalho Caetano 	
DOI 10.22533/at.ed.28119091217	
CAPÍTULO 18	204
SEGURANÇA DO PACIENTE: REVISÃO INTEGRATIVA DAS AÇÕES DE CUIDADO PROMOVIDAS PELA ENFERMAGEM	
<ul style="list-style-type: none"> Leticia Silveira Cardoso Francielle Morais de Paula Josefine Busanello Bruna Roberta Kummer 	
DOI 10.22533/at.ed.28119091218	
CAPÍTULO 19	215
SOFRIMENTO MORAL: TENDÊNCIAS DAS PESQUISAS DE ENFERMAGEM	
<ul style="list-style-type: none"> Maicon Facco Daíse dos Santos Vargas Marcos Antonio de Azevedo de Campos Cleber Bisognin 	
DOI 10.22533/at.ed.28119091219	
CAPÍTULO 20	222
TEORIA DO CONFORTO COMO SUBSÍDIO PARA O CUIDADO CLÍNICO DE ENFERMAGEM À PARTURIENTE	
<ul style="list-style-type: none"> Ana Maria Martins Pereira Antonia de Maria Gomes Paiva Sibele Lima Costa Janaína da Silva Feitoza Palácio Laura Pinto Torres de Melo Ana Beatriz Diógenes Cavalcante 	

Lanna Maria Faustino de Sousa Batista

Sayonara Aquino de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.28119091220

CAPÍTULO 21 234

TRABALHO EM EQUIPE DE ENFERMAGEM NA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: PRÁTICAS ESPECÍFICAS DO CAMPO DE ATUAÇÃO E PRÁTICAS EXTRAFUNCIONAIS

Rute Lopes Bezerra

Arcanjo de Sousa Silva Junior

Aline Mesquita Lemos

Francisco Daniel Brito Mendes

Helder de Pádua Lima

Maria Salete Bessa Jorge

Raianne de Sousa Pereira

Sarah Raquel Rebouças Fernandes Campos

Suianne Braga de Sousa

Vanessa Almeida Pinheiro

DOI 10.22533/at.ed.28119091221

SOBRE O ORGANIZADOR..... 239

ÍNDICE REMISSIVO 240

LESÕES MÚSCULO ESQUELÉTICAS RELACIONADAS AO TRABALHO DA ENFERMAGEM

Francisco das Chagas Araújo Sousa

Universidade Estadual do Piauí, Teresina - PI

Kadja Fernanda Tinoco

UniFacema, Caxias – MA

Lennara de Siqueira Coelho

Faculdade AESPI-FAPI

Alessandra Kelly Freire Bezerra

Faculdade AESPI-FAPI, Teresina - PI

Bianara Raelly Duarte Ibiapina dos Santos

Faculdade AESPI-FAPI, Teresina – PI

Francirraimy Sousa Silva

Faculdade AESPI-FAPI, Teresina – PI

Lorena Rocha Batista Carvalho

Faculdade AESPI-FAPI, Teresina – PI

Marcelo de Moura Carvalho

Faculdade AESPI-FAPI, Teresina - PI

Eduardo Vidal de Melo

Faculdade AESPI-FAPI, Teresina – PI

Emmanuel Alves Soares

Faculdade AESPI-FAPI, Teresina - PI

RESUMO: **Introdução:** As Lesões por Esforços Repetitivos (LER) e os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), são síndromes que atingem o sistema músculo esquelético, desencadeadas pelo esgotamento físico das estruturas anatômicas do sistema osteomuscular, estando associadas à falta de tempo de recuperação, caracterizado

pela ocorrência de outros sintomas interligados ou não, podendo a vir desencadear incapacidade laboral temporária. **Objetivo:** identificar o perfil das lesões músculo esqueléticas ocasionadas durante o trabalho da enfermagem. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo exploratório com abordagem quantitativo, realizada com 42 profissionais da equipe de enfermagem de uma unidade de pronto atendimento na cidade de Caxias - MA. A coleta de dados deu-se por meio de dois instrumentos: um com a caracterização sociodemográfica e outro com o questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares (QNSO). **Resultados:** As principais queixas dos profissionais de enfermagem foram dor na região dorsal e lombar (19%), houve uma porcentagem igual dos que referiram desconforto na região do pescoço e ombro (11,9%), pescoço e zona dorsal (11,9%), pescoço e zona lombar (11,9%), seguida por ombro (9,5%). O perfil dos profissionais caracteriza-se por uma alta prevalência do sexo feminino (81,0%), sendo essas em sua maioria técnicas de enfermagem (62,6%), evidenciando que a enfermagem continua sendo uma profissão predominantemente feminina e por elas não possuírem o mesmo potencial de desenvolvimento muscular dos homens estão mais sujeitas a desenvolverem DORT.

Conclusão: A alta taxa de distúrbios osteomusculares entre os trabalhadores poderá ser o início da conscientização para que os gestores e colaboradores das instituições busquem em conjunto, soluções para redução da ocorrência desses agravos sobre as condições de trabalho desses profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Equipe de Enfermagem; Saúde do trabalhador; Transtornos Traumáticos Cumulativos.

NURSING-RELATED SKELETAL MUSCLE INJURIES

ABSTRACT: Introduction: Repetitive Strain Injury (RSI) and Work-Related Musculoskeletal Disorders (WRMSD) are syndromes that affect the skeletal muscle system, triggered by the physical exhaustion of the anatomical structures of the musculoskeletal system, being associated with the lack of recovery time, characterized by the occurrence of other interconnected symptoms or not, which may trigger temporary work disability. **Objective:** to identify the profile of skeletal muscle injuries caused during nursing work. **Methodology:** This is a descriptive exploratory study with a quantitative approach, conducted with 42 professionals of the nursing team of a emergency care unit in the city of Caxias-MA. Data were collected through two instruments: one with the sociodemographic characterization and the other with the Nordic Musculoskeletal Questionnaire (QNSO). **Results:** The main complaints of nursing professionals were pain in the dorsal and lumbar region (19%), there was an equal percentage of those who reported discomfort in the neck and shoulder region (11.9%), neck and dorsal zone (11.9%), neck and lumbar zone (11.9%), followed by shoulder (9.5%). The profile of the professionals is characterized by a high prevalence of females (81.0%), most of them nursing technicians (62.6%), showing that nursing remains a predominantly female profession and for them not. having the same muscle development potential as men are more likely to develop WMSD. **Conclusion:** The high rate of musculoskeletal disorders among workers may be the beginning of awareness for managers and employees of institutions to jointly seek solutions to reduce the occurrence of these injuries on the working conditions of these professionals.

KEYWORDS: Nursing Team; Worker's health; Cumulative Traumatic Disorders.

1 | INTRODUÇÃO

As Lesões por Esforços Repetitivos (LER) e os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), são síndromes que atingem o sistema músculo esquelético, desencadeadas pelo esgotamento físico das estruturas anatômicas do sistema osteomuscular, estando associadas à falta de tempo de recuperação, caracterizado pela ocorrência de outros sintomas interligados ou não, podendo a vir desencadear incapacidade laboral temporária (Silva et al., 2016).

LER/DORT são termos usados para designar as afecções que podem ser apresentadas como: tenossinovite, síndrome do túnel do carpo, tendinite, bursite, ombro doloroso, lombalgia e outras patologias associadas a fadiga muscular que podem ocorrer principalmente no ombro e pescoço. Resultante de uma origem ocupacional ela pode ser motivada de forma combinada ou do uso repetido e forçado de grupamentos musculares e da manutenção inadequada da postura (Brasil, 2004).

Existem vários trabalhadores com queixas de dor sendo atribuída ao seu trabalho. No Brasil, a partir da década de 1980, a taxa de ocorrência de distúrbios musculoesqueléticos (LER/DORT) representam um dos grupos de doenças ocupacionais com os dados disponíveis registradas mais prevalentes, tendo um aumento de mais de 80% segundo estatísticas referentes à população de trabalhadores segurados (Brasil, 2013).

Nesse contexto, diversos estudos em todo o mundo têm destacado a elevada morbidade por DORT entre profissionais de enfermagem, a exigência de postura inadequada na prestação de cuidados, aspectos como a escala de trabalho e o baixo quantitativo de pessoal por turnos, a rotina intensa de cuidados dispensados aos pacientes, assim como as características morfológicas dos clientes e a inadequada configuração física dos móveis nos locais de trabalho, sendo considerados elementos que contribuem para explicar o desenvolvimento dessas lesões (Brasil, 2004).

A pesquisa desenvolveu-se com base na seguinte questão norteadora: Quais fatores de risco ocasionam o aparecimento de lesões osteomusculares provenientes do trabalho da enfermagem?

Tendo-se como ponto de partida esta questão inicial, teve-se como objetivo geral identificar o perfil das lesões músculo esqueléticas ocasionadas durante o trabalho da enfermagem. Entrelaçando-se com o objetivo geral elaborou-se os seguintes objetivos específicos: Descrever os principais fatores que levam a ocorrência de lesões músculo esqueléticas; identificar as principais lesões que acometem os profissionais de enfermagem; Analisar a relação entre os fatores de risco percebidos e os problemas de saúde apontados pelos trabalhadores de enfermagem no contexto hospitalar.

2 | METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa dos dados. O cenário da realização desse estudo foi a Unidade de Pronto Atendimento (UPA), no município de Caxias do Estado do Maranhão. A população fonte para realização desta pesquisa foi a equipe de enfermagem da unidade de pronto atendimento (UPA), que possui 60 funcionários envolvendo enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem. E de acordo com os critérios de inclusão

e exclusão, e após assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido 42 pessoas participaram da pesquisa.

Os critérios de inclusão para os participantes desta pesquisa foram: os profissionais devem pertencer ao grupo de funcionários da unidade de pronto atendimento; fazer parte da equipe de enfermagem; e aqueles que aceitarem de livre e espontânea vontade participar da respectiva pesquisa mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos da pesquisa os profissionais de enfermagem que se recusaram a participar e aqueles que não possuíam o TCLE devidamente assinado. Os dados foram coletados no período compreendido entre agosto e outubro de 2017, mediante a aplicação de um questionário sócio demográfico e de um questionário nórdico de sintomas musculoesqueléticos (QNSO) aos participantes do estudo.

Em relação ao procedimento coleta dos dados, foi realizada por meio de visitas a unidade de pronto atendimento participante no cenário do estudo pela própria pesquisadora, onde houve um primeiro contato com a responsável da instituição, para explicação dos objetivos da pesquisa a ser realizada. Em seguida o questionário foi repassado aos funcionários juntamente com o TCLE e após devolução armazenados em envelopes o que garantiram o anonimato dos participantes. As variáveis levantadas no instrumento deste estudo foram: sociodemográfico e conhecimento da intensidade, frequência e local de acometimento das lesões musculoesqueléticas.

Após informações serem coletadas através dos questionários, os dados foram transcritos com a máxima fidelidade, dando início ao processo de organização e análise dos dados. As informações foram organizadas e tabuladas utilizando o Microsoft Excel versão 2010 para Windows e as análises estatísticas foram feitas por meio do SPSS versão 20.0 para Windows (SPSS Inc. Chicago, IL 60606, EUA). Foi utilizada análise univariada e multivariada. Na análise univariada utilizou-se estatística descritiva simples, com uso de porcentagens para avaliar as características socioeconômicas, sociodemográfico, estilo de vida e a frequência de dor nos participantes do estudo. Na análise multivariada utilizou-se o teste de qui-quadrado para avaliar a associação das variáveis qualitativas. Os dados que resultaram foram confrontados com a literatura científica sobre o assunto para fins de discussão e conclusão do estudo.

O projeto foi apreciado e devidamente aprovado pela Secretaria Municipal de Saúde de Caxias - MA (SMS). Em seguida foi submetido a Plataforma Brasil, direcionado ao comitê de Ética e Pesquisa (CEP), que mais convinha com o CAAE Nº 71205417.6.0000.8007. O desenvolvimento do estudo seguiu todos os procedimentos éticos de pesquisa seguindo as técnicas adequadas descritas na literatura para o cumprimento dos preceitos éticos relacionados à pesquisa em seres

humanos estabelecidos pela resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A pesquisadora bem como o orientador responsável pelo desenvolvimento do estudo assegurou que nenhum participante foi submetido à pesquisa sem ter garantida a sua privacidade e protegida sua integridade física e moral e sem ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3 | RESULTADOS

A apresentação dos resultados está organizada em duas partes. Na primeira, mostram-se as análises univariadas e na segunda, as multivariadas. Nas análises univariadas, são apresentadas a caracterização dos profissionais quanto as variáveis socioeconômico e demográfico, estilo de vida, prevalência de dor osteomuscular, frequência de desconforto musculares de acordo com a região anatômica e frequência de sintomas musculoesqueléticas em profissionais de saúde, nos últimos 12 meses, nos últimos sete dias e sua ausência do trabalho. Na análise multivariada apresenta-se a associação entre as variáveis sociodemográfico, estilo de vida e desconforto osteomuscular em profissionais de saúde.

3.1 Caracterização dos profissionais de saúde segundo variáveis socioeconômico e demográficas

A tabela 1 apresenta os resultados socioeconômica e demográfica dos profissionais de saúde, onde o estudo revelou que a maioria eram do sexo feminino (81,0%), com idade entre 21 a 30 anos (81,0%). Em relação ao estado civil, houve prevalência de indivíduos solteiros (50,0%), com ensino médio completo (40,5%), seguido por indivíduos que possuem o ensino superior completo (35,7%). Quando abordados sobre o número de filhos houve uma porcentagem igual dos profissionais que referiram ter filhos (50,0%) e os que referiram não ter filhos (50,0%). Quanto a profissão houve o predomínio de técnicos de enfermagem (66,7%), com carga horaria de 36 horas semanais (76,2%) e trabalhavam apenas em uma única instituição (61,9%).

VARIÁVEIS	N	%
SEXO		
Feminino	34	81,0
Masculino	8	19,0
IDADE		
21 a 30	34	81,0
31 a 40	8	19,0
ESTADO CIVIL		
Solteiro	21	50,0

Casado	16	38,1
Companheiro	4	9,5
Divorciado	1	2,4
ESCOLARIDADE		
Fundamental completo	1	2,4
Médio Completo	17	40,5
Superior completo	15	35,7
Superior incompleto	9	21,4
FILHOS		
Sim	21	50,0
Não	21	50,0
PROFISSÃO		
Enfermeiro	11	26,2
Técnico de enfermagem	28	66,7
Auxiliar de enfermagem	3	7,1
HORAS DE TRABALHO SEMANAL		
24 H	10	23,8
36 H	32	76,2
TEM SEGUNDO EMPREGO		
Sim	16	38,1
Não	26	61,9
TOTAL	42	100

Tabela 1. Caracterização dos profissionais de saúde segundo variáveis socioeconômico e demográficas. Caxias – MA, 2017. (N=42)

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

3.2 Dados relativos ao estilo de vida dos profissionais de saúde

Em relação ao estilo de vida, conforme apresenta a tabela 2 abaixo, o estudo revelou que a maior parte dos profissionais não realizavam atividade física (85,3%) e não praticavam o uso do tabagismo (92,9%). Quando abordados sobre o consumo de álcool, observou-se que a maioria consumia bebida alcoólica (52,4%).

VARIÁVEIS	N	%
FAZ ATIVIDADE FÍSICA		
Sim	18	14,7
Não	24	85,3
FUMA		
Sim	3	7,1
Não	39	92,9
TOMA BEBIDA ALCOÓLICA		
Sim	22	52,4
Não	20	47,6
TOTAL	42	100

Tabela 2. Dados relativos ao estilo de vida dos profissionais de saúde. Caxias – MA, 2017.

3.3 Prevalência de dor osteomuscular referida por profissionais de saúde

Em relação prevalência de dor osteomuscular referida por profissionais de saúde, conforme mostra a tabela 3, a maioria dos profissionais declararam sentir dor ou fadiga muscular (78,6%). Quanto a frequência da dor ou fadiga 45,2% declararam ter sentido duas ou três vezes nos últimos doze meses, seguido por 28,6% que declararam ter sentido o desconforto entre quatro a seis vezes no último ano. Em relação a intensidade da dor ou fadiga, a maioria dos profissionais referiram ter dores intensas (38,1%).

VARIÁVEIS	N	%
DOR OU FADIGA MUSCULAR		
Sim	33	78,6
Não	9	21,4
FREQUÊNCIA DA DOR OU FADIGA		
Duas ou três vezes	19	45,2
Quatro a seis vezes	12	28,6
Mais de seis vezes	2	4,8
Nenhum	9	21,4
INTENSIDADE DA DOR OU FADIGA		
Leve	2	4,8
Moderado	15	35,7
Intenso	16	38,1
Nenhum	9	21,4
TOTAL	42	100

Tabela 3. Prevalência de Dor osteomuscular referida por profissionais de saúde. Caxias – MA, 2017. (N=42)

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

3.4 Frequência de desconforto muscular em profissionais de saúde, de acordo com a região anatômica

O gráfico 1 apresenta os resultados relacionados ao desconforto osteomuscular dos profissionais de acordo com a região anatômica, onde houve um predomínio maior daqueles que não referiram ter sentido desconforto muscular (21,4%), seguido dos profissionais que referiam dor na região dorsal e lombar (19%). Além do mais, houve uma porcentagem igual dos que referiram desconforto na região do pescoço e ombro (11,9%), pescoço e zona dorsal (11,9%), pescoço e zona lombar (11,9%), seguida por ombro (9,5%).

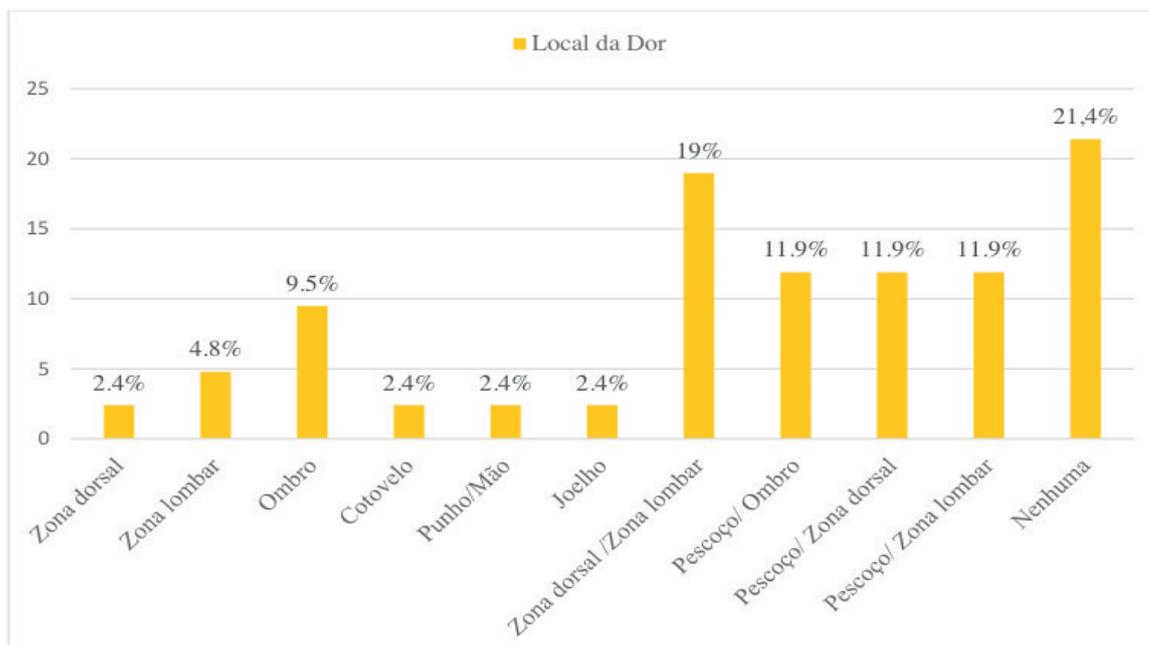


Gráfico 1. Frequência de desconforto musculares em profissionais de saúde, de acordo com a região anatômica. Caxias – MA, 2017. (N=42)

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

3.5 Frequência de sintomas musculoesqueléticos em profissionais de saúde, nos últimos 12 meses, nos últimos sete dias e ausência do trabalho

O gráfico 2 apresenta os resultados relacionados aos sintomas musculoesqueléticos dos profissionais, com destaque entre os participantes que relataram presença dos sintomas nos últimos doze meses (71,4%). Em relação a presença de sintomas nos últimos sete dias, apenas 31,0 % referiram sentir desconforto muscular. Quando questionados se nos últimos doze meses o problema impediu a realização do trabalho 97,6% dos profissionais responderam que não.

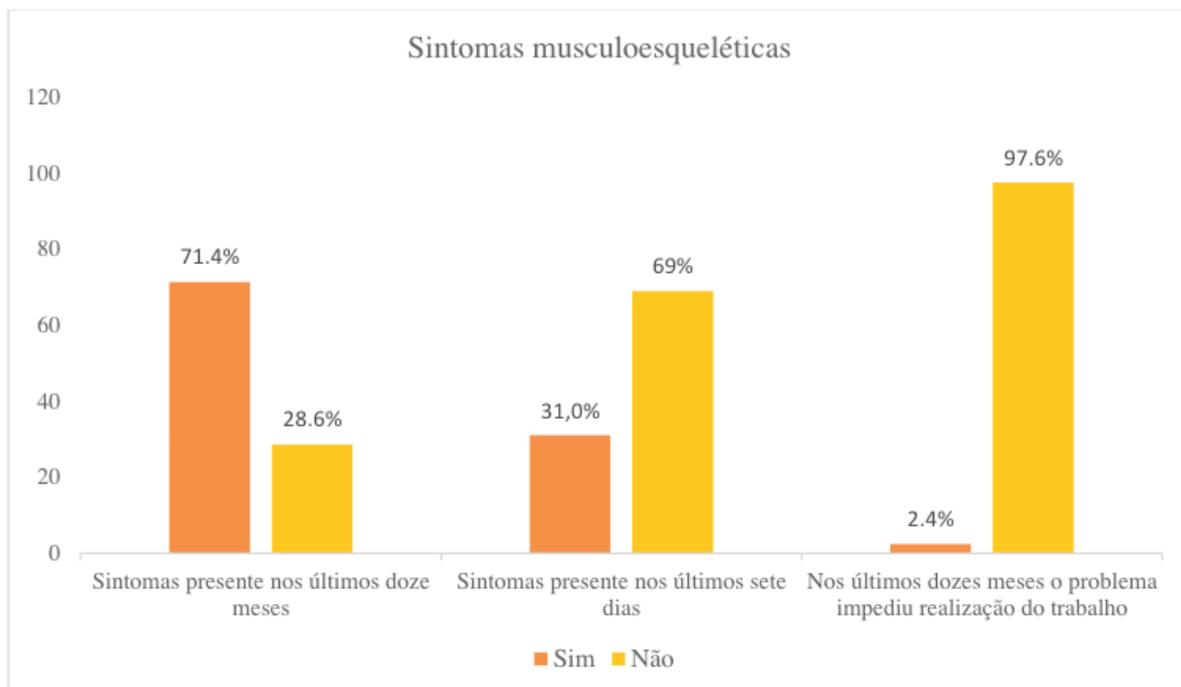


Gráfico 2. Frequência de sintomas musculoesqueléticos em profissionais de saúde, nos últimos 12 meses, nos últimos sete dias e ausência do trabalho. Caxias – MA, 2017. (N=42)

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

3.6 Associação entre a presença de dor muscular e fatores associados em profissionais de saúde

A tabela 4 apresenta a associação entre a dor muscular e fatores associados em profissionais de saúde, onde, das nove variáveis selecionadas na análise multivariada, apenas duas apresentaram significância estatística no modelo de *Pearson* para explicação de dor osteomusculares ao nível de significância de 5%: atividade física (<0,002) e segundo emprego (<0,008).

Variáveis	Dor
	P-value
Idade	0,118
Gênero	0,557
Filhos	0,227
Atividade física	0,002
Profissão	0,243
Horas de trabalhos semanal	0,638
Tem segundo emprego	0,008
Etilismo	0,525
Fuma	0,181

Tabela 4. Associação entre a presença de dor muscular e fatores associados em profissionais de saúde. Caxias – MA, 2017 (N=42)

Teste qui-quadrado de Pearson (SPSS). A correlação é significativa ao nível de <0,05.

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

4 | DISCUSSÃO

Dentre os profissionais que participaram do estudo a maioria eram compostas pelo sexo feminino, com faixa etária entre 21 a 30 anos, solteiros, segundo grau completo, com filho, e em sua maioria técnicos de enfermagem, que possuem emprego único, carga horária de 36 horas, e 61,9% trabalhavam em apenas uma única instituição.

Os achados relacionados às características socioeconômicas e demográficas dos participantes desta pesquisa corroboram com outros estudos anteriores realizados com profissionais de saúde. No estudo realizado por Silva, Rocha, Kawano, Gomes Neto e Martinez (2014), com 76 profissionais de saúde, realizado no hospital Irmã Dulce, na cidade de Salvador-BH, apresentou resultados semelhantes ao do estudo, mostrando que a maioria dos participantes eram do sexo feminino (64,5%), com média de idade entre 28 anos.

Estudo internacional realizado por Attar (2014), em um hospital de ensino geral na região ocidental da Arábia Saudita, com 200 profissionais de enfermagem, apresentou resultados semelhantes ao da pesquisa, mostrando que a maioria dos profissionais eram do sexo feminino, com idade entre 21 a 30 anos.

Apesar do gênero não apresentar associação significativa entre desconforto muscular, vários estudos tem mostrado a prevalência de lesões musculoesqueléticas no sexo feminino. Este fato pode ser justificado pelo notável predomínio das mulheres na enfermagem, onde além das responsabilidades e atividades repetitivas das quais são submetidas, ressalta-se a dupla ou tripla jornada (Anunciação, Sales, Andrade, Silveira & Paiva, 2016).

Em relação a situação marital, o estudo revelou o predomínio das mulheres solteiras. Em contrapartida, estudo realizado por Lima et al. (2014), envolvendo 498 trabalhadores de enfermagem de um hospital universitário do Rio Grande do Sul, Brasil, apresentou resultados divergentes ao do estudo, mostrando que mais da metade dos profissionais eram casados (69,3%).

No que se refere a escolaridade dos profissionais, a maioria possuíam ensino médio completo, seguido de ensino superior completo. Esses achados corroboram com o estudo de Monteiro e Faro (2015), envolvendo 86 trabalhadores da equipe de enfermagem da Unidade neonatal, UTI neonatal e Banco de leite humano de um hospital universitário, mostrando que mais da metade dos profissionais referiram possuir ensino médio completo (55,8%) e já tinham concluído o curso de especialização (27,91%).

Quanto ao número de filhos, houve uma porcentagem igual dos profissionais com filhos e os que referiram não ter filhos. Em contrapartida, no estudo realizado Ribeiro (2012), com 291 profissionais de saúde, em um hospital público, referência

para atendimento de emergência/urgência, na cidade de Salvador – BH, apresentou resultados divergentes ao da pesquisa, mostrando que mais da metade dos profissionais possuíam filhos (62,0%).

Em relação a profissão, a maioria dos profissionais eram técnicos de enfermagem, bem como na pesquisa realizado por Monteiro e Faro (2015), com 86 trabalhadores de enfermagem da Unidade neonatal, UTI neonatal e Banco de leite humano de um hospital universitário, mostrando que 70,9% dos profissionais eram compostos por auxiliares e técnicos de enfermagem e 20,1% eram enfermeiros.

Do mesmo modo, no estudo realizado por Lima et al. (2014), com 634 trabalhadores de enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem) do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), também houve resultados semelhantes ao do estudo, mostrando que a maioria dos profissionais eram técnicos de enfermagem (44,6%) e enfermeiros (28,9%).

Em relação as horas de trabalho semanal, houve o predomínio dos profissionais que trabalhavam 36 horas semanais. Esses achados corroboram com o estudo de Anunciação et al. (2016), realizado com 25 profissionais de enfermagem de uma unidade de internação clínica, em Minas Gerais – MG, mostrou que (92%) trabalham em regime de 36 horas semanais.

Apesar dos resultados relacionados ao tempo de trabalho, não apresentarem associação significativa entre desconforto muscular, Anunciação et al. (2016), relata que as longas jornadas de trabalhos, em trabalhadores de enfermagem, podem ocasionar exaustão, fadiga e até mesmo afetar a assistência aos pacientes. Isso pode estar relacionado ao fato desses profissionais estarem exposto a um sistema de plantões extensos e de duplos cargos, que são muito comuns nesse grupo, devido à baixa remuneração (Brito, & Correio, 2017).

Quando abordados sobre outras ocupações, o estudo mostrou associação significativa entre possuir um segundo emprego e dor muscular, evidenciando que a maioria possuía apenas um vínculo empregatício. Esses achados estão em conformidades com o da pesquisa de Ribeiro et al. (2012), com 291 profissionais de saúde, em um hospital público, referência para atendimento de emergência/urgência, na cidade de Salvador – BH, mostrando que a maioria dos profissionais não possuíam outros trabalhos, em 65,9%.

Em contrapartida, no estudo de Góes (2014), com 144 profissionais de enfermagem, realizado no hospital Municipal de Foz do Iguaçu (HMF1), mostrou resultados similar ao da pesquisa, mostrando que entre os trabalhadores que indicaram ter outra atividade profissional ou outro vínculo empregatício na profissão de enfermagem, em 41,4%. O mesmo autor ratifica que estes vínculos extras, que nem sempre são na mesma área de atuação, podem vir a potencializar os agravos a saúde destes trabalhadores.

Quanto a prática de atividade física, o estudo apontou um alto índice de trabalhadores que não praticavam nenhum tipo de atividade física, evidenciando uma associação significativa com a variável de interesse. Esses achados estão em conformidade com o estudo de Vidor et al. (2014), com 110 trabalhadores de enfermagem das equipes de cirurgia, em um Hospital de Clínicas de Porto Alegre, mostrando que (84,0%) dos profissionais relataram não praticar atividade física.

O estilo de vida sedentário tem sido citado em várias pesquisas como fator de risco associado ao desenvolvimento de lesões osteomusculares. Estudos na literatura, ao investigarem a prevalência de distúrbios musculoesqueléticos e os fatores associados entre trabalhadores da área da saúde, verificaram elevado percentual entre os trabalhadores de saúde que não praticavam atividade física (Monteiro, & Faro, 2015).

No que se refere a relação entre tabagismo e dor muscular, não houve associação entre as variáveis, evidenciando que os profissionais relataram não terem o hábito de fumar. Esses achados estão em consonância ao estudo de Lourenção, Sanches, Todesco e Soler (2017), entre 104 profissionais de diferentes áreas da saúde, de uma Faculdade de Medicina do interior paulista, mostrando que a maioria dos profissionais de saúde não fumavam (96,1%).

Alguns achados na literatura têm mostrado indícios sobre a relação entre tabagismo e dor muscular, haja vista que o consumo de cigarro pode diminuir a resistência dos músculos responsáveis pela estabilização dos segmentos corporais, como a coluna lombar, predispondo a dor. Além do mais, a nicotina pode afetar o sistema nervoso central, interferindo na percepção da dor pelos indivíduos (Luz et al., 2017).

Quando abordados sobre o etilismo, houve o predomínio dos profissionais que relataram não ingerir bebida alcoólica, não apresentando associação com a variável de interesse. Esses achados estão divergentes ao da pesquisa realizada por Ribeiro (2012), com 291 profissionais de saúde, em um hospital público, referência para atendimento de emergência/urgência, na cidade de Salvador – BH, mostrando que o consumo de bebida alcoólica estava presente, com frequência de uma vez por semana ou mais.

Quanto a prevalência de dor osteomuscular, houve o predomínio dos profissionais que relataram sentir dor ou fadiga muscular (78,6%). Do mesmo modo, no estudo de Brito e Correio (2017), com 22 profissionais de enfermagem que atuam em centro cirúrgico, em um hospital privado de cunho filantrópico de grande porte de um município do interior da Bahia, apresentou resultados similar ao do estudo, mostrando que a maioria dos profissionais relataram sentir algum desconforto físico, em 63,6%. O mesmo autor afirma que a dor é um importante

sintoma osteomuscular que deve ser valorizado e investigado para que a terapêutica seja estabelecida e os fatores de risco sejam minimizados.

No que se refere a frequência de dor, os indivíduos relataram sentir dor ou desconforto com uma frequência entre duas a três vezes (54,2%). Isto pode ser consequência dos fatores de risco relacionados ao trabalho da equipe de enfermagem que levam o desenvolvimento de distúrbios musculoesqueléticos, os quais causam dor em ossos, articulações, músculos ou estruturas circunjacentes, podendo a dor ser classificada como aguda ou crônica, focal ou difusa (Luz et al., 2017).

Quanto a intensidade da dor, houve a prevalência de indivíduos que relataram sentir dor intensa (38,1%). Esses resultados estão semelhantes ao do estudo realizado por Lima et al. (2014), com 634 trabalhadores de enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem) do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), mostrando que a maioria dos profissionais apresentaram dor de intensidade forte, em 39,0%. Isso, se deve ao fato de, no ambiente de trabalho, os profissionais continuam expostos aos riscos ergonômicos causadores dos problemas osteomusculares (Brito, & Correio, 2017).

Embora neste estudo houve o predomínio daqueles que não referiram sentir algum desconforto muscular de acordo com região anatômica, observou-se queixas de sintomas musculoesqueléticas em região dorsal/lombar (19,0%), pescoço/ombro (11,9%) e pescoço/dorsal (11,9%) e pescoço/lombar (11,9%). Esses achados corroboram com o estudo de Vidor et al. (2014), em um hospital universitário terciário do sul do Brasil, com 110 trabalhadores de enfermagem das equipes de cirurgia, mostrando a prevalência de sintomas osteomuscular em região do pescoço/ombro (31,0%), região dorsal (28,0%) e região lombar (34,0%).

Em relação a frequência de sintomas osteomuscular, houve o predomínio dos que referiram sentir a presença de desconforto nos últimos 12 meses (71,4%). Esses achados estão em conformidades ao da pesquisa de Monteiro e Faro (2015), envolvendo 86 trabalhadores da equipe de enfermagem da Unidade neonatal, UTI neonatal e Banco de leite humano de um hospital universitário, apresentou resultados divergentes ao do estudo, mostrando um percentual maior dos trabalhadores que referiram sintomas em alguma região corpórea nos últimos 12 meses, em 87,21%.

5 | CONCLUSÃO

Ao término desse estudo pode-se perceber que o perfil dos profissionais de enfermagem acometidos por LER/DORT caracterizam-se por uma alta frequência no sexo feminino, em sua maioria técnicas de enfermagem. Os principais sintomas, de acordo com a região corpórea mais afetada, foram a zona dorsal/zona lombar, pescoço/ombro, pescoço/zona dorsal, pescoço/zona lombar, ombro, membros

superiores (braço, cotovelo), punho/mãos e joelhos.

Considera-se como principais limitações dessa pesquisa, um baixo espaço amostral, a recusa de alguns trabalhadores a participarem do estudo e a dificuldade em encontrar os profissionais com horário disponível para responder ao questionário devido à alta demanda de trabalho.

Portanto, atrelado às condições de trabalho vivenciadas pelos profissionais de enfermagem, a alta taxa de distúrbios osteomusculares entre os trabalhadores poderá ser o início da conscientização para que os gestores e colaboradores das instituições busquem em conjunto, soluções para redução da ocorrência desses agravos sobre as condições de trabalho desses profissionais, tais como: a análise ergonômica do trabalho, melhor dimensionamento de pessoal conforme necessidade de cuidados do paciente, garantia de férias, educação permanente em saúde do trabalhador, reduzindo assim a sua exposição à doença.

Conclui-se que lesões osteomusculares é um tema de extrema importância para estudos específicos que poderão contribuir para o aumento da eficácia e a qualidade dos serviços oferecidos pela enfermagem, como maneira de impulsionar o crescimento de programas com grupos de trabalho e de estudos que permitam a continuidade de pesquisas que possam futuramente intervir com estratégias de promoção à saúde do trabalhador e prevenção das LER/DORT.

REFERÊNCIAS

Anunciação, CGM, Sales, LA, Andrade, MC, Silveira, CA, & Paiva, SMA. (2016). Sinais e sintomas osteomusculares relacionada ao trabalho em profissionais de enfermagem. *Revista Saúde*, 42(2), 31-40.

Carolina Barbosa da Silva*, Caroline Souza Andrade Rocha**, Márcio Massao Kawano***, Attar, SM. (2014). Frequency and risk factors of musculoskeletal pain in nurses at a tertiary centre in Jeddah, Saudi Arabia: a cross sectional study. *Bmc Research Notes*, 7(1), 1-6.

Brasil. (2004). Portaria n.º 777, de 28 de abril de 2004. Brasília, DF: Ministério da Saúde.

Brasil. (2013). Anuário estatístico da Previdência Social 2000: seção I – benefícios: auxílios. Brasília, DF: Ministério da Previdência Social.

Brito, CF, Correio, LMGP. (2017). Caracterização do desconforto físico relacionado à ergonomia em profissionais de enfermagem do centro cirúrgico. *Revista Enfermagem Contemporânea*, 6(1), 20-29.

Góes, E.P. (2014). Avaliação da prevalência de sintomas osteomusculares e fatores associados em trabalhadores de enfermagem de um hospital público do oeste do Paraná. *Revista Unioeste*, 16(24), 163-187.

Lelis, CM, Battaus, MRB, Freitas, FCT, Rocha, FLR, Marziale, MHP, & Robazzi, MLCC. (2012). Distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho em profissionais de enfermagem: revisão integrativa da literatura. *Acta Paulista de Enfermagem*, 25(3), 477-482.

Lima, ACS, Magnago, TSBS, Prochnow, A, Ceron, MDS, Schardong, AC, & Scalcon, CB. (2014).

Fatores associados à dor musculoesquelética em trabalhadores de enfermagem hospitalar *Revista de enfermagem – UERJ*, 22(4), 526-32.

Lourenção, LG, Sanches, NF, Todesco, TN, & Soler, ZASG. (2017). Queixas de distúrbios osteomusculares em aprimorando e aperfeiçoando atuantes em um hospital de ensino. *Revista de enfermagem UFPE*, 11(1), 383-92.

Luz, EMF, Magnago, TSBS, Greco, PBT, Ongaro, JD, Lanes, TC, & Lemos, JC. (2017). Prevalência e fatores associados à dor musculoesquelética em trabalhadores do serviço hospitalar de limpeza. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 26(2), 1-10.

Monteiro, CR, Faro, ACM. (2015). Sintomas osteomusculares em trabalhadores de enfermagem de uma unidade neonatal, UTI neonatal e banco de leite humano. *Revista Brasileira de Medicina Trabalho*, 13(2), 83-90.

Ribeiro, FN. (2012). Prevalência de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho em profissionais de enfermagem. *Revista brasileira de epidemiologia*, 15(2), 429-38.

Silva, CB, Rocha, CSAR, Kawano, MM, Gomes Neto, M, & Martinez, BP. (2014). Sintomas osteomusculares em fisioterapeutas e enfermeiros no ambiente hospitalar. *Revista Pesquisa em Fisioterapia*. 4(3), 173-182.

Silva, ICJ, Alves, NR, Nogueira, MS, Mendonça, RMC, Alves, FAVB, Alves, AG, Valente, PHF. (2016). Incidência dos sintomas osteomusculares relacionados ao Trabalho da equipe de enfermagem do hospital santa Gemma/afmbs revista. *Faculdade Montes Belos (FMB)*, 9(2), 28-141.

Sousa, MNA, Silva, GM, Costa, TS, Nunes, RMV, & Medeiros, HRL. (2015). Prevalência de distúrbios osteomusculares em enfermeiros. *Fiep Bulletin*. 85, 1-6.

SOBRE O ORGANIZADOR

BENEDITO RODRIGUES DA SILVA NETO - Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2005), com especialização na modalidade médica em Análises Clínicas e Microbiologia (Universidade Candido Mendes - RJ). Em 2006 se especializou em Educação no Instituto Araguaia de Pós graduação Pesquisa e Extensão. Obteve seu Mestrado em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto de Ciências Biológicas (2009) e o Doutorado em Medicina Tropical e Saúde Pública pelo Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (2013) da Universidade Federal de Goiás. Pós-Doutorado em Genética Molecular com concentração em Proteômica e Bioinformática (2014). O segundo Pós doutoramento foi realizado pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Aplicadas a Produtos para a Saúde da Universidade Estadual de Goiás (2015), trabalhando com o projeto Análise Global da Genômica Funcional do Fungo *Trichoderma Harzianum* e período de aperfeiçoamento no Institute of Transfusion Medicine at the Hospital Universitätsklinikum Essen, Germany. Seu terceiro Pós-Doutorado foi concluído em 2018 na linha de bioinformática aplicada à descoberta de novos agentes antifúngicos para fungos patogênicos de interesse médico. Palestrante internacional com experiência nas áreas de Genética e Biologia Molecular aplicada à Microbiologia, atuando principalmente com os seguintes temas: Micologia Médica, Biotecnologia, Bioinformática Estrutural e Funcional, Proteômica, Bioquímica, interação Patógeno-Hospedeiro. Sócio fundador da Sociedade Brasileira de Ciências aplicadas à Saúde (SBCSaúde) onde exerce o cargo de Diretor Executivo, e idealizador do projeto “Congresso Nacional Multidisciplinar da Saúde” (CoNMSaúde) realizado anualmente, desde 2016, no centro-oeste do país. Atua como Pesquisador consultor da Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG. Atuou como Professor Doutor de Tutoria e Habilidades Profissionais da Faculdade de Medicina Alfredo Nasser (FAMED-UNIFAN); Microbiologia, Biotecnologia, Fisiologia Humana, Biologia Celular, Biologia Molecular, Micologia e Bacteriologia nos cursos de Biomedicina, Fisioterapia e Enfermagem na Sociedade Goiana de Educação e Cultura (Faculdade Padrão). Professor substituto de Microbiologia/Micologia junto ao Departamento de Microbiologia, Parasitologia, Imunologia e Patologia do Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP) da Universidade Federal de Goiás. Coordenador do curso de Especialização em Medicina Genômica e Coordenador do curso de Biotecnologia e Inovações em Saúde no Instituto Nacional de Cursos. Atualmente o autor tem se dedicado à medicina tropical desenvolvendo estudos na área da micologia médica com publicações relevantes em periódicos nacionais e internacionais. Contato: dr.neto@ufg.br ou neto@doctor.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acreditação hospitalar 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21

Amamentação 39, 40, 41

Assistência de Saúde 145, 150

Atenção Básica 6, 7, 23, 57, 60, 61, 64, 70, 121, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 212

Atenção Psicossocial 234, 235, 236, 237, 238

Atuação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 12, 14, 15, 17, 20, 21, 25, 39, 43, 45, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 59, 60, 62, 63, 65, 68, 69, 80, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 109, 116, 117, 121, 125, 127, 129, 132, 134, 138, 139, 141, 142, 147, 150, 156, 157, 200, 205, 234, 235, 236, 237

B

Benefícios 3, 39, 41, 47, 50, 91, 112, 132, 158, 171, 175, 188, 228

C

Centros de saúde 114, 151

Creche 197, 199, 200, 201, 202, 203

Cuidado de Enfermagem 97, 143, 222, 224, 231

Cuidados paliativos 164, 165, 166, 167, 168, 175, 187, 190, 192, 193, 194, 195, 196

Cuidados paliativos em enfermagem 164

D

Diabetes mellitus 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 70, 71

Doença de Raynaud 72

Doulas 81, 82, 83, 84, 85, 86

E

Educação e Saúde 197

Enfermagem 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 46, 51, 54, 55, 56, 58, 59, 72, 73, 74, 75, 80, 84, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 119, 120, 121, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 148, 151, 154, 155, 157, 161, 162, 163, 176, 188, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 228, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239

Enfermagem Obstétrica 43, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 228

Equipe de Enfermagem 14, 15, 17, 18, 19, 21, 34, 42, 99, 100, 101, 102, 108, 111, 113, 120, 121, 123, 125, 143, 157, 161, 176, 205, 213, 235, 236, 237, 238

Estratégia de Saúde da Família 34, 60, 62, 126, 127, 218, 219

Estrutura Física 145, 147, 149, 150, 151, 211

F

Fatores de risco 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 101, 111, 146, 185

Formação profissional 15, 65, 86, 95, 129, 142, 156, 202, 209, 211, 220

H

Hipertensão 36, 56, 60, 61, 63, 70, 71, 75, 115, 122, 148, 175, 200

Hipotermia Induzida 152

Hospital 12, 13, 14, 19, 21, 22, 43, 55, 59, 74, 75, 82, 83, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 126, 130, 132, 134, 139, 140, 141, 143, 152, 153, 154, 155, 164, 188, 190, 194, 207, 212, 213, 214, 222, 228, 239

Humanização 37, 81, 82, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 123, 126, 129, 143, 146, 150, 196, 224, 232

Humanização da assistência 81, 82, 90, 94, 96, 129, 224

L

Leite materno 39

M

Manejo de sintomas 164

Mulher 2, 10, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 43, 51, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 97, 122, 148, 198, 223, 225, 227, 228, 229, 230, 232

P

Parada Cardiopulmonar 152, 154

Parto Humanizado 81, 92, 98, 230

Pé diabético 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Pesquisas em saúde 215

S

Saúde da Mulher 10, 30, 34, 81, 122, 148

Saúde do homem 114, 127

Saúde do trabalhador 100, 112

Segurança do Paciente 12, 17, 21, 22, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214

Síndrome de Sjögren 72, 73, 74, 77, 80

Sofrimento Moral 215, 216, 217, 218, 219, 220

T

Teoria do conforto 222, 224, 225, 231, 232

Trabalho 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 34, 37, 47, 48, 57, 67, 69, 70, 73, 81, 83, 84, 85, 86, 88, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 106, 107, 109, 111, 112, 113, 116, 122, 123, 124, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 144,

148, 150, 151, 182, 185, 197, 198, 199, 204, 208, 209, 210, 211, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238

Trabalho de parto 11, 81, 84, 85, 86, 88, 90, 91, 92, 94, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 232

Transtornos Traumáticos Cumulativos 100

U

Úlcera varicosa 114

Urgência obstétrica 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9

UTI 74, 108, 109, 111, 113, 152, 162, 166, 183, 195

V

Violência Doméstica 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38

Voluntariado 84, 86, 129, 135, 136

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-828-1



9 788572 478281